

## O ovo de galinha

### I

Ao olho mostra a integridade de uma coisa num bloco, um ovo. Numa só matéria, unitária, maciçamente ovo, num todo.

Sem possuir um dentro e um fora, tal como as pedras, sem miolo: é só miolo: o dentro e o fora integralmente no contorno.

No entanto, se ao olho se mostra unânime em si mesmo, um ovo, a mão que o sopesa descobre que nele há algo suspeito:

que seu peso não é o das pedras, inanimado, frio, goro; que o seu é um peso morno, tímido, um peso que é vivo e não morto.

### II

O ovo revela o acabamento a toda mão que o acaricia, daquelas coisas torneadas num trabalho de toda a vida.

E que se encontra também noutras que entretanto mão não fabrica: nos corais, nos seixos rolados e em tantas coisas esculpidas

cujas formas simples são obra de mil inacabáveis lixas usadas por mãos escultoras escondidas na água, na brisa.

No entanto, o ovo, e apesar de pura forma concluída, não se situa no final: está no ponto de partida.

### III

A presença de qualquer ovo, até se a mão não lhe faz nada, possui o dom de provocar certa reserva em qualquer sala.

O que é difícil de entender se se pensa na forma clara que tem um ovo, e na franqueza de sua parede caiada.

A reserva que um ovo inspira é de espécie bastante rara: é a que se sente ante um revólver e não se sente ante uma bala.

É a que se sente ante essas coisas que conservando outras guardadas ameaçam mais com disparar do que com a coisa que disparam.

### IV

Na manipulação de um ovo um ritual sempre se observa: há um jeito recolhido e meio religioso em quem o leva.

Se pode pretender que o jeito de quem qualquer ovo carrega vem da atenção normal de quem conduz uma coisa repleta.

O ovo porém está fechado em sua arquitetura hermética e quem o carrega, sabendo-o, prossegue na atitude regra:

procede ainda da maneira entre medrosa e circunspeta, quase beata, de quem tem nas mãos a chama de uma vela.